

## EXPECTATIVAS DO MERCADO

No segundo trimestre deste ano, o Produto Interno Bruto (PIB) dos Estados Unidos cresceu a uma taxa anualizada de 2,6%, bem acima da taxa de 1,2% registrada no primeiro trimestre do ano, e foi puxado pelos investimentos de empresas em equipamentos e pelos gastos de consumidores, que representam 2/3 do PIB e tiveram alta de 2,8%. Para 2017, o Fundo Monetário Internacional (FMI) projeta alta de 2,1% no PIB deste país.

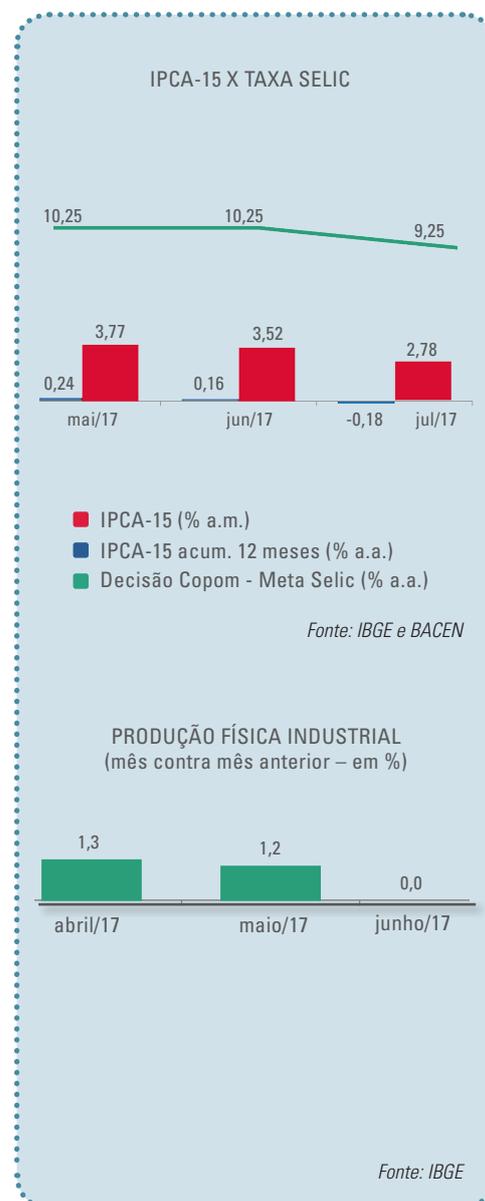
Já o PIB dos 19 países que compõem a Zona do Euro (ZE) aumentou 0,6% no segundo trimestre de 2017 sobre o trimestre anterior, mesmo percentual registrado para o PIB dos 28 países da União Europeia. No comparativo com igual período de 2016, a expansão do PIB da ZE foi de 2,1%, segundo dados divulgados pela Eurostat (Instituto Europeu de Estatística). O FMI projeta, para este ano, crescimento de 1,9% do PIB da região, devendo desacelerar para 1,7%, em 2018.

A economia da China, segunda maior do planeta, cresceu 6,9% no segundo trimestre de 2017 em relação a igual período de 2016, mesma taxa observada no trimestre anterior. Puxaram esse crescimento os investimentos das empresas estatais (+12%) e a alta do setor privado (7,2%). O governo chinês estima elevação de 6,5% para o PIB em 2017.

No Brasil, a produção industrial ficou estagnada em junho, se comparada à produção do mês anterior, após dois meses consecutivos de alta. Em relação a igual mês de 2016, houve aumento, mas de apenas 0,5%, mesmo índice observado no acumulado do primeiro semestre deste ano. Esses resultados contribuem para o aumento das incertezas quanto ao ritmo de recuperação da atividade econômica, que tende a ser gradual e demorado.

O Comitê de Política Monetária (COPOM), em sua última reunião, reduziu a Taxa Básica de Juros (Selic) pela sétima vez consecutiva. A redução foi de 1 ponto percentual (p.p.), com a Selic atingindo 9,25% ao ano (a.a.), menor índice desde outubro de 2013. Considerando o atual cenário e inflação em queda, o COPOM sinaliza nova flexibilização da Selic, na mesma magnitude, para a próxima reunião.

Segundo o Boletim Focus, de 18 de agosto de 2017, a mediana das expectativas de agentes do mercado financeiro é de alta de apenas 0,34% para o PIB, em 2017, com a inflação (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo – IPCA) devendo fechar 2017 em 3,50% a.a., 1 p.p. abaixo do centro da meta (4,5% a.a.).



## EXPECTATIVAS DO MERCADO

	UNIDADE DE MEDIDA	2017	2018	2019	2020	2021
PIB	% AO ANO	0,34	2,00	2,50	2,50	2,50
IPCA*	% AO ANO	3,51	4,20	4,25	4,00	4,00
TAXA SELIC*	% AO ANO (EM DEZ.)	7,5	7,5	8,0	8,0	8,0
TAXA DE CÂMBIO*	R\$/US\$ (EM DEZ.)	3,23	3,39	3,45	3,50	3,55

Fonte: Banco Central do Brasil – Boletim Focus (18/08/2017)

Confira os últimos estudos/pesquisas da UGE:

- As Micro e Pequenas Empresas nas Exportações Brasileiras 1998-2015 – Brasil;
- Sondagem Conjuntural dos Pequenos Negócios BR – junho 2017.
- Acesse esses e outros estudos e pesquisas, clicando [aqui](#).

## NOTÍCIAS SETORIAIS



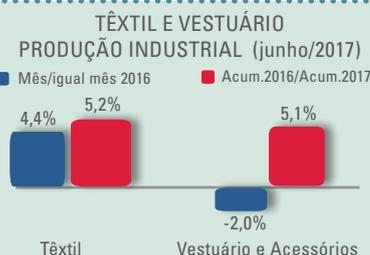
### COMÉRCIO VAREJISTA

O comércio varejista registrou crescimento de 1,2% no volume de vendas e de 0,8% na receita nominal, em junho de 2017, sobre o mês anterior, após ajuste sazonal. Porém, no acumulado do primeiro semestre deste ano, o volume das vendas acumulou retração de 0,1%, enquanto a receita nominal contabilizou alta de 1,9%. As maiores quedas no acumulado do volume de vendas neste ano foram observadas no segmento de móveis (-12,7%) e em livros, jornais, revistas e papelaria (-3,6%). O comércio varejista continua a sofrer os reflexos da crise econômica e não há perspectiva de reversão desse quadro nos próximos meses.



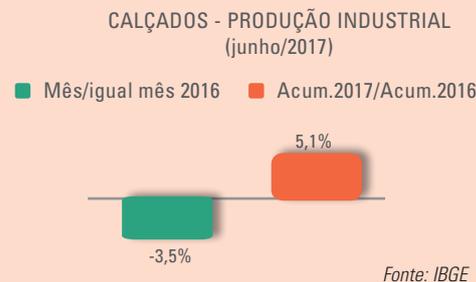
### TÊXTIL E VESTUÁRIO

Em junho de 2017, a fabricação de produtos têxteis registrou alta de 4,4% sobre igual mês do ano passado, enquanto a confecção de artigos do vestuário e acessórios caiu 2% no mesmo comparativo. Já no primeiro semestre do ano, esses segmentos registraram alta na produção de 5,2% e 5,1%, respectivamente. A perspectiva é de aumento maior da produção dessas indústrias a partir do segundo semestre do ano.



### CALÇADOS

A produção brasileira de calçados declinou 3,5% em junho de 2017 ante o mesmo mês de 2016, mas acumulou alta de 5,1% no primeiro semestre de 2017 e de 2,8% nos últimos 12 meses. A balança comercial do setor, por sua vez, apresentou superávit de US\$ 354,7 milhões no primeiro semestre deste ano, 28,2% acima do saldo registrado no mesmo período de 2016. Os Estados Unidos foram os que mais pagaram, em dólares, pelos calçados brasileiros nos primeiros seis meses deste ano (18,1% do valor total exportado), mas foi o Paraguai que mais comprou pares de calçados brasileiros (11,7% do total).



### MÓVEIS

A fabricação de móveis registrou alta de 0,6% em junho de 2017 sobre igual mês do ano passado, mas acumulou retrações de 4,4% no primeiro semestre de 2017 e de 5,2% nos últimos 12 meses encerrados em junho deste ano. A balança comercial do setor, por sua vez, registrou déficit de US\$ 69,2 milhões no primeiro semestre de 2017. Trata-se de mais um setor prejudicado pela crise econômica e que vem apresentando dificuldades de recuperação no mercado interno.



### TURISMO

Segundo o Boletim Econômico do Turismo, do Ministério do Turismo (MTur), as empresas desse setor registraram elevação média de 4,3% no faturamento, no primeiro trimestre deste ano, em relação a igual período de 2016, destacando-se as operadoras de turismo, com alta de 21,3% no faturamento, enquanto o turismo receptivo experimentou queda de 6,4% nesse indicador. O momento econômico desfavorável e os elevados custos operacionais e financeiros continuam prejudicando as empresas do setor.

**FATURAMENTO DOS SEGMENTOS DO TURISMO (EM %)**  
(1º TRIM./17 SOBRE 1º TRIM./16)



# O QUE OS DONOS DE PEQUENOS NEGÓCIOS ESPERAM DA ECONOMIA E DE SUAS EMPRESAS?

**PAULO JORGE DE PAIVA FONSECA**

*Economista, analista da Unidade de Gestão Estratégica (UGE) do Sebrae/NA*

O Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) divulgou, recentemente, os resultados de uma sondagem inédita feita com os donos de pequenos negócios, que teve por objetivo conhecer as expectativas desses empresários em relação à economia e ao seu próprio negócio, assim como identificar as principais dificuldades que enfrentam no dia a dia.

Pelos resultados dessa “Sondagem Conjuntural dos Pequenos Negócios”, foi observado que o percentual de empresários pessimistas é um pouco maior que o de otimistas em relação à economia brasileira. Enquanto 31% dos entrevistados esperam melhoria da economia nos próximos 12 meses, 37% acreditam que a economia vai piorar. Um percentual menor de empresários (24%) acha que a economia permanecerá como está.

Apesar do pessimismo em relação à economia, os entrevistados tendem a ser menos pessimistas quanto ao futuro das próprias empresas. Cerca de 1/3 deles (33,5%) acredita que o faturamento da empresa irá melhorar nos próximos 12 meses, enquanto um percentual maior (37,4%) acredita que o faturamento de sua empresa não se alterará. Os Microempreendedores Individuais (MEI) são os mais otimistas: 37% acreditam que seu faturamento

aumentará nos próximos 12 meses. Já os donos de Microempresas (ME) estão mais pessimistas, com 30% deles vislumbrando queda do faturamento nesse período.

Fato positivo foi constatar que a maioria dos empresários (53%) que têm empregados não pretende contratar nem demitir funcionários nos próximos 12 meses, e 24,5% esperam contratar trabalhadores nesse período.

O “aumento de custos” foi apontado como a principal dificuldade da empresa por 76% dos entrevistados, seguido pelo “pagamento de impostos/tributos” (72% dos empresários) e pela “queda nas vendas” (70%). Os empresários do comércio foram os que mais reclamaram do aumento de custos (80% dos entrevistados).

A “obtenção de crédito” também figurou entre as cinco dificuldades mais citadas, tendo sido apontada por 44,5% dos entrevistados. Os empresários da construção civil foram os que mais reclamaram da dificuldade de se obter crédito.

Os encargos trabalhistas, a complexidade da legislação trabalhista e o custo do salário mensal foram citados pelos empresários como os maiores entraves para se contratar novos empregados.

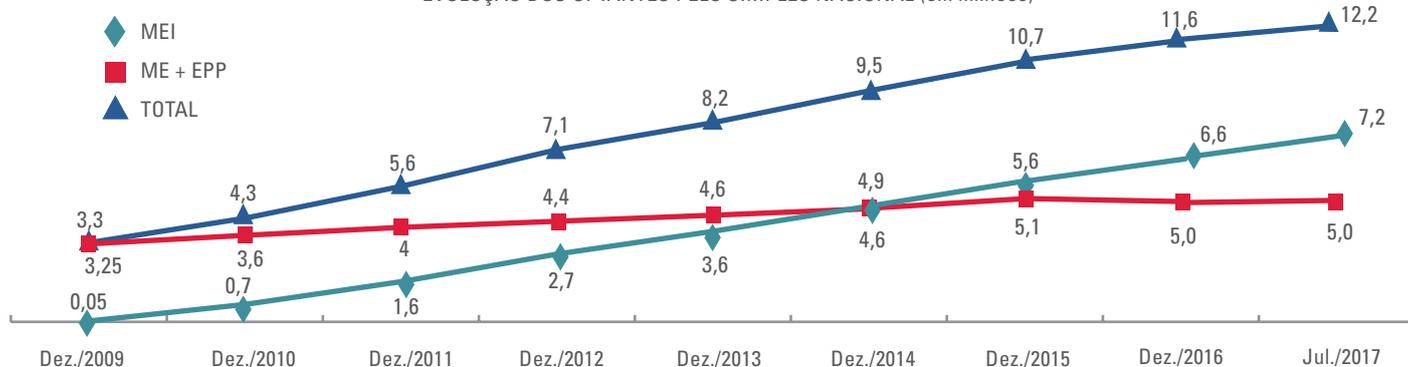
A diminuição de custos para as em-

presas (impostos, taxas, tributos etc.) foi apontada pelos empresários como o principal fator para se gerar mais empregos no país, seguida pela “maior disponibilidade de crédito”. Eles mencionaram também outros fatores que poderiam contribuir para uma maior geração de empregos, quais sejam: o país voltar a ter uma situação política estável; a economia voltar a crescer; a aprovação das reformas trabalhistas, tributária, previdenciária e fiscal; e a diminuição da burocracia do Estado e das instituições.

A sondagem completa, com recortes por região, por setor, por optantes e não optantes pelo Simples Nacional e por clientes e não clientes do Sebrae, pode ser acessada clicando-se [aqui](#)

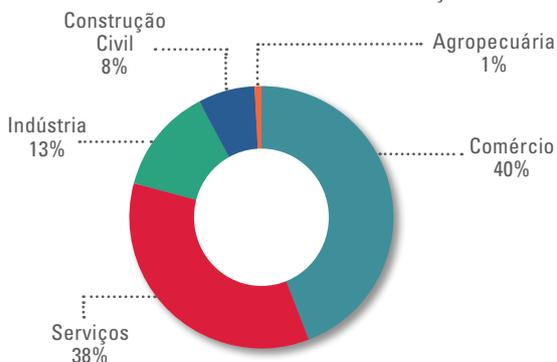
# PEQUENOS NEGÓCIOS NO BRASIL

EVOLUÇÃO DOS OPTANTES PELO SIMPLES NACIONAL (em milhões)

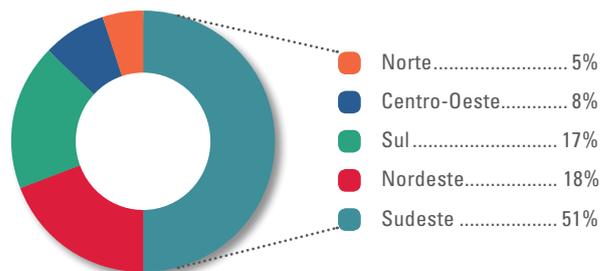


Fonte: Receita Federal do Brasil (RFB)

CONCENTRAÇÃO POR SETOR



CONCENTRAÇÃO POR REGIÃO



Fonte: Secretaria da Receita Federal – Julho/2017

## ESTATÍSTICAS DOS PEQUENOS NEGÓCIOS

PARTICIPAÇÃO DOS PEQUENOS NEGÓCIOS NO(A):	ANO	PARTICIPAÇÃO (%)	FONTE
PIB brasileiro	2011	27,0	SEBRAE/FGV
Número de empresas exportadoras	2015	61	FUNCEX
Valor das exportações	2015	1	FUNCEX
Massa de salários das empresas	2015	44	RAIS
Total de empregos com carteira	2015	54	RAIS
Total de empresas privadas	2015	98,5	SEBRAE
OUTROS DADOS SOBRE OS PEQUENOS NEGÓCIOS	ANO	TOTAL	FONTE
Quantidade de produtores rurais	2015	4,7 MILHÕES	PNAD CONTÍNUA
Potenciais empresários com negócio	2015	11,6 MILHÕES	PNAD CONTÍNUA
Empregados com carteira assinada	2015	17,1 MILHÕES	RAIS
Remuneração média real nas MPE	2015	R\$ 1.680,05	RAIS
Massa de salário real dos empregados nas MPE	2015	R\$ 28,4 BILHÕES	RAIS
Número de empresas exportadoras	2015	12,1 MIL	FUNCEX
Valor total das exportações (US\$ bi FOB)	2015	US\$ 2 BILHÕES	FUNCEX
Valor médio exportado (US\$ mil FOB)	2015	US\$ 162,4 MIL	FUNCEX

 Obs.: 1. **Microempreendedor Individual (MEI)**: receita bruta anual de até R\$ 60 mil.

 2. **Microempresa (ME)**: receita bruta anual igual ou inferior a R\$ 360 mil, excluídos os MEI.

 3. **Empresa de Pequeno Porte (EPP)**: receita bruta anual maior que R\$ 360 mil e igual ou inferior a R\$ 3,6 milhões.